

Pioneiros fazem retrospecto da aventura

É difícil sair por aí procurando pioneiros e encontrá-los. No Clube dos Pioneiros, fundado em 27 de dezembro de 1974, que funciona numa sala contígua no Memorial JK, o livro de associados registra apenas mil. Os filiados ao clube afirmam que são cerca de dez mil pioneiros. "Oitenta por cento dos amigos pioneiros já morreram", garante César Prates, de 77 anos e que está no DF desde 19 de outubro de 1956. "Não sei quantos pioneiros ainda existem em Brasília", diz o presidente do clube, o coronel da reserva Affonso Heliodoro dos Santos, 74 anos, que viajava com Juscelino Kubitschek ao Planalto Central, durante a construção do DF.

"Brasília é a balzaquiana de vários amantes. Dos que moram aqui e dos que estão fora e sempre querem retornar para os braços desta amante", filosofa o Heliodoro, que desde 1979 ocupa o cargo de secretário executivo do Memorial JK, nomeado pela ex-primeira-dama do País, Sarah Kubitschek. O mineiro de Belo Horizonte, César Prates, que durante 20 anos trabalhou no Banco do Brasil, diz que chegou para construir o Catetinho. "Idealizamos fazer uma casa de madeira ao invés dos barracos", lembra, argumentando que de 1956 a 1960 atuou como intermediário do BB e a Presidência da República.

Prates, que animava com seu violão as noites de seresta da cidade, nos idos de 1960, era filho do engenheiro Carlos Prates (falecido), hoje nome do maior bairro de Belo Horizonte. "Meu pai também foi um dos que construíram BH, como fiz aqui", orgu-

lha-se o filho que, ao contrário de outros pioneiros, paga aluguel de Cr\$ 45 mil na SQS 315. E desabafa: "Acompanhei JK desde 1934 e mesmo sendo o homem mais íntimo do presidente não tenho nenhum lote".

Depois de ser o titular do 1º Cartório de Registros de Imóveis do DF (1960) e ser fulminado pelo AI-5 "por ser amigo do Juscelino", Prates voltou à função beneficiado pela anistia viabilizada no governo de João Figueiredo, em 1980. Em 1982 se aposentou e sobrevive com um salário de DAS-6. "Naquela época não havia roubo, polícia. Havia liberdade e amor. A cidade era mais humana. Hoje é como outra capital qualquer, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, lamenta, encontrando seus culpados: os imigrantes que agora estão sendo assentados.

COM URINOL

Se Prates reserva um futuro com explosão demográfica no DF, no passado só há boas lembranças, saudades e muitas estórias. Uma delas, bem pitoresca, dá conta de que em 1957, por ocasião da visita do então presidente português, antes de dormir, exigiu que dona Sara Kubitschek providenciasse um urinol ao marido, "pois só dorme com um debaixo da cama". Prates recorda as dificuldades para que a assessoria de Juscelino arrumasse um penico para Craveiro e, mesmo assim, "foi um velho, enferrujado".

Outro hábito comum entre os Bioneiros é acordar cedo. A maioria levanta depois das 6h da manhã e só repousa por volta da meia-noite. Affonso Heliodoro

dos Santos, casado com "Saozita" (apelido de Conceição); três filhos, oito netos e um bisneto; o morador do Lago Sul, pode se considerar um privilegiado. Ele costuma dormir às 23h30. Quando chegou a Brasília era subchefe da Casa Civil, só que trabalhava no Rio de Janeiro, antiga sede do Governo.

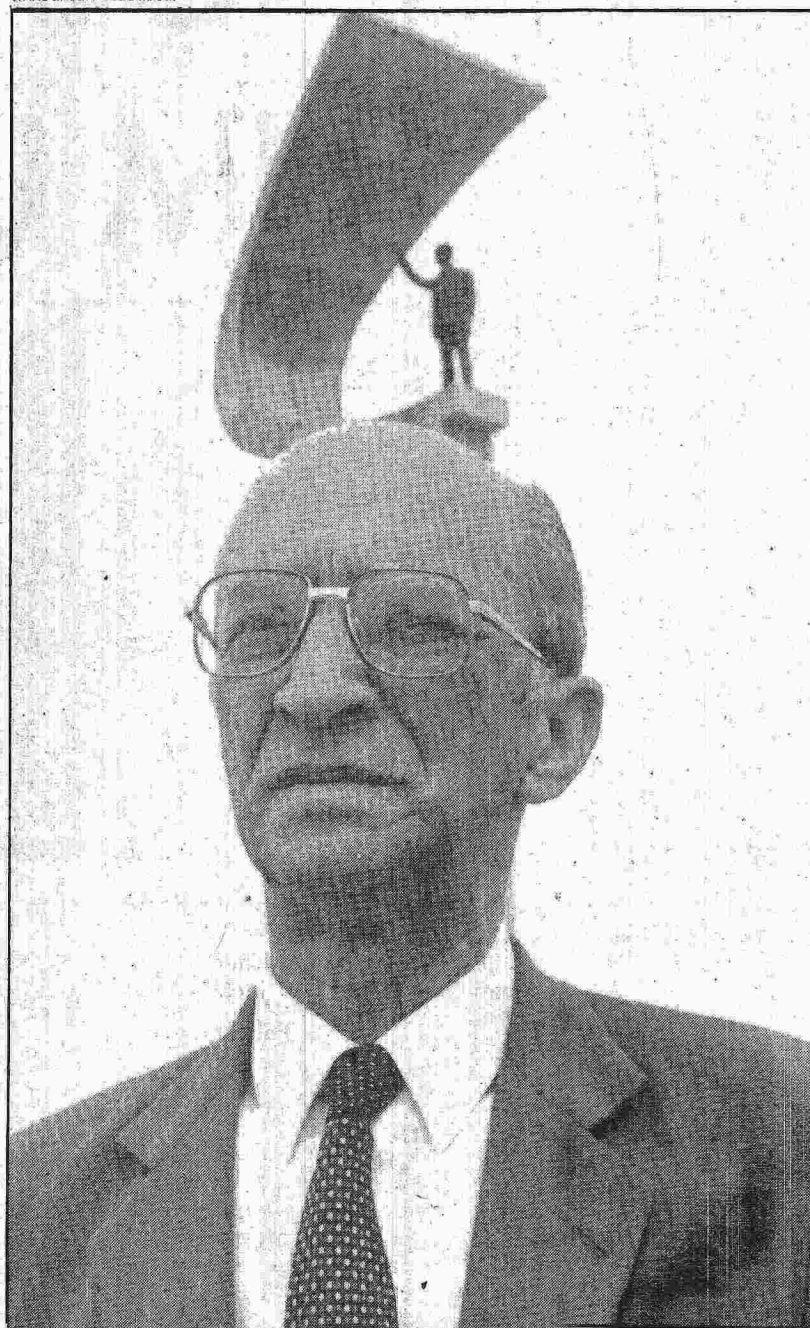
"Conheci bem a lama e a poeira de Brasília", relata. Affonso participou sempre da vida de JK. Na campanha para o Senado, em 1962 em Goiás; depois morou no Rio junto com Juscelino quando este foi eleito e se envolveu ativamente na campanha JK-65, como coordenador. No exílio de Juscelino, depois de 1965, ele foi confidente de JK, chegando por três vezes a viajar a Paris para se encontrar com o ex-presidente (Juscelino ficou durante o exílio em Madri, Paris, Lisboa e Nova Iorque).

"A MEMÓRIA

A confiança e a intimidade com os Kubitschek propiciou o Affonso a nomeação para ocupar o cargo de secretário executivo do Memorial JK, em 1979, cujo aval decisivo veio da ex-primeira-dama, dona Sarah. O coronel da reserva da PM de Minas, formado em Direito no Rio, diz que o inusitado "foi a construção de Brasília num deserto, onde JK ergueu uma cidade, distante 800 quilômetros de São Paulo, 700 de Belo Horizonte e 1.200 quilômetros do Rio de Janeiro, em apenas 4 anos".

Affonso traz na ponta da língua uma frase de efeito sobre sua dedicação e admiração ao imortal JK. "Tive a glória de servi-lo em vida e Deus me deu a graça de servir à sua memória".

WANDERLEI POZZEMBOM



Aos 74, Heliodoro vê Brasília como uma balzaquiana de vários amantes